

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1355 - 01/08/2016 a 07/08/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

HORTALIÇAS

PEQUENAS NOTÁVEIS

LEITE

50 anos de transformações

SHOW PECUÁRIO

Informação para produzir mais

www.sistemafaep.org.br

O homem do campo de hoje não é nem um pouco parecido com aquele do passado, que lembramos em modas de viola como “Caboclo na Cidade”, de Dino Franco (Na cidade eu só ia/Cada quinze ou vinte dias/Pra vender queijo na feira/E no mais estava folgado/Todo dia era feriado/Pescava a semana inteira...). Para produzir e ser bem sucedido, é preciso estar tecnologicamente atualizado e ter um olho no mercado. O Sistema FAEP/SENAR-PR tem contribuído para isso de diversas maneiras – dando treinamento, estimulando parcerias com instituições de pesquisa e levando informação de valor para que o produtor possa tomar suas decisões.

Nesta edição, temos alguns bons exemplos disso. Um deles está na nossa matéria de capa, que retrata a opção de produtores de hortaliças por verduras e legumes menores, que caíram no gosto do consumidor pela aparência e sabor diferenciados. Para eles, não bastou só cultivar uma variedade diferente: foi preciso investir em embalagem, degustação em supermercados, apresentar os produtos a restaurantes. Trabalho bem feito por gente atendida no mercado, como convém hoje em dia.

Outro exemplo está no Show Pecuário, que foi visitado por milhares de produtores em busca de novidades que pudessem aplicar em suas propriedades. Tudo isso sem show nem festa, em um clima profissional. Em outra iniciativa, os seminários sobre tendências no mercado de grãos concluíram uma rodada por oito municípios paranaenses, apresentando dados sobre as commodities globais e sobre o que pode ocorrer com o câmbio. Informação valiosa para fazer bons negócios.

Neste boletim você encontra isso e muito mais.

Boa leitura!

Índice

Feijão	03
Avicultura	06
Febre Aftosa	09
Agrinho	10
Orçamento Estadual / Nota	12
Hortaliças	14
Homenagens	19
História - Perdedores Olímpicos	20
Show Pecuário	22
Artigo - Seguro Rural / Notas	24
CTP de Castro	26
Seminário de Grãos	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradil Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1355: Fernando Santos, Ivo Lima, Milton Doria, Divulgação, Arquivo FAEP

Uma cultura de extremos

Feijão, que tem no Paraná seu maior produtor nacional, vive de altos e baixos – e os números de 2016 provam isso

Por Hemely Cardoso



Tão comum na dieta do brasileiro, o feijão se tornou um produto menos frequente na mesa dos consumidores nas últimas semanas. Devido a problemas de abastecimento, a leguminosa atingiu preços recordes no mercado. De um ano para cá, subiu 338%, segundo dados do “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, estudo produzido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. Só para comparar, em junho do ano passado, a saca de 60 quilos de feijão carioca custava R\$ 111,80 e, no mesmo mês deste ano, passou a valer R\$ 378,13.

Há pouco mais de dois anos a situação desse mercado era oposta. Nesse período, o cenário era dramático para os produtores de feijão no Paraná, principalmente para os da região Sudoeste, onde a saca chegou a ser vendida a R\$ 10. Na época, como foi publicado no Boletim Informativo, o governo não havia liberado os recursos das Aquisições do Governo Federal (AGF), o que complicou ainda mais a situação dos produtores rurais. Diante disso, a FAEP

acionou, em janeiro de 2014, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para que o governo tomasse uma atitude que garantisse, pelo menos, o preço mínimo de R\$ 95, de acordo com Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM).

O produtor Wilson Rickli, de Prudentópolis, região Centro-Sul, vivenciou essa trajetória de extremos. Há duas semanas, negociou os últimos contratos da safra de feijão – que colheu no final de maio deste ano – e vendeu a saca de feijão carioca a R\$ 540 e a do preto por R\$ 250. Nessa mesma época do ano passado, ele comercializou a saca deste último a R\$ 120. Na segunda safra, com o início do plantio em fevereiro, após a colheita de milho, ele destinou uma área de 1 mil hectares à cultura. O número representa um aumento de 20% na comparação com a safra anterior. Diante dos preços fora da curva, Wilson conta que está animado com a cultura e deve manter a mesma área na próxima safra. “A expectativa é de que os preços continuem aquecidos”, disse.

Ao mesmo tempo em que os produtores estão animados com o atual cenário do feijão, há uma incerteza diante dos custos de produção. No final de agosto, o produtor Eduardo Medeiros, de Castro, nos Campos Gerais vai semear uma área de 300 hectares de feijão carioca. Segundo ele, o preço do quilo da semente está R\$ 13 o que representa um custo três vezes superior ao da última safra. “Hoje, os preços do feijão no mercado estão excelentes, mas, com os altos custos de produção, a gente se preocupa de como estarão esses valores quando ocorrer a colheita, o período de outubro e janeiro. Porque até lá o mercado pode mudar”, observa Medeiros.

De acordo com o engenheiro-agrônomo Cristopher Azevedo, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP e autor do levantamento sobre feijão que faz parte do estudo, a saca de feijão carioca chegou a ser negociada a R\$ 580 em alguns Estados. O valor foi diretamente repassado ao consumidor, que chegou a pagar R\$ 15 pelo quilo do produto.

Diante dos altos preços e como tentativa de abaixá-los por aqui, o governo federal aprovou, no dia 23 de junho, a alíquota zero para a importação de feijão preto de outros países. “Ocorre que o tipo de feijão que está em falta no mercado é o carioca, consumido principalmente no Brasil. A importação do feijão preto pode afetar pouco os atuais preços”, avalia Cristopher.

Segundo ele, com a entrada da primeira safra de 2017, que será plantada em setembro deste ano e colhida a partir de janeiro, a tendência é de que os preços do feijão voltem ao normal. Até lá, é bem provável que o consumidor continue pagando caro pelo produto.

Desabastecimento

Nos últimos cinco anos, houve um déficit na produção brasileira de feijão em relação ao consumo. Com isso, os estoques foram reduzidos consideravelmente, abrindo espaço para o desabastecimento. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na safra 2013/14 o Brasil produziu 3,4 milhões de toneladas de feijão, 3,1 milhões de toneladas na temporada seguinte e 2,9 milhões de toneladas na safra 2015/16. Diante desta conjuntura, o país conta com estoques baixos do grão, limitado a 108 mil toneladas.

A produção de feijão deve se manter estagnada pelo menos nos próximos dez anos. A informação está em relatório divulgado pelo Mapa no último dia 15 de julho, com as projeções para o setor agropecuário até a safra 2025/26. De acordo com o estudo coordenado pela Secretaria de Política Agrícola (SPA), a produção tende a variar de zero a 1,5% ao ano.

O Paraná, maior produtor do país, deve colher 607,8 mil toneladas de feijão na safra em 2016, segundo levantamento do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab). O volume representa uma queda de 15% na comparação com a atual temporada e a área projetada mostra retração de 5%, totalizando 387 mil hectares. “Em setembro de 2015 já era esperada uma redução da área de feijão na primeira safra. Apesar dos preços razoáveis, muita gente deixou de plantar devido à instabilidade na comercialização e aos altos riscos climá-





ticos. O Paraná reduziu sua área em 4% para primeira safra 2015/16, e mesmo assim esperava uma produção de 343 mil toneladas, o que não aconteceu”, diz Christopher.

O principal fator que ocasionou essa queda na produção foi o clima. Segundo o técnico da FAEP, as chuvas foram intensas por causa do fenômeno El Niño, e prejudicaram a qualidade do feijão de primeira safra. Os preços subiram e a expectativa para a segunda safra era de aumento de área e produção. Porém, diversas regiões do Estado tiveram problemas por causa do clima, como a estiagem durante a floração, geadas na frutificação e chuvas na hora de colher. Todos esses fatores resultaram em perdas de produção e qualidade no momento da comercialização.

É o caso do produtor Anton Gora, de Guarapuava. Há cinco anos ele cultiva feijão preto numa área de 50 hectares. No ano passado, ele teve um prejuízo de R\$ 260 mil com a perda de 150 toneladas da leguminosa, devido às geadas. Apesar disso, Gora conta que já está se preparando para iniciar o plantio de feijão na mesma área a partir de setembro. “Às vezes a gente perde, isso faz parte da nossa atividade. Mas não dá para desistir, tem que ser persistente”, diz Anton.

Plantio

No Paraná são realizadas três safras de feijão a cada ano agrícola. As duas primeiras têm maior importância econômica e a terceira é de menor expressão.

Confira abaixo o calendário:

	Plantio	Colheita	Comercialização
1º Safra (águas)	Agosto - Dezembro	Dezembro - Março	Dezembro - Outubro
2º Safra (seca)	Dezembro - Março	Março - Julho	Março - Novembro
3º Safra (inverno)	Março - Julho	Mai - Outubro	Mai - Novembro

A capital do feijão preto

Prudentópolis (51.567 habitantes, segundo o IBGE 2015), a 173 quilômetros de Curitiba, não é apenas conhecida pela colonização ucraniana, mas como a capital nacional do feijão preto. O município concentra a maior produção da leguminosa do Paraná, com 40.965 toneladas em 2014, garantindo um Valor Bruto de Produção (VBP) de mais de R\$ 63 milhões.

Por lá, todo ano acontece da Festa Nacional do Feijão Preto, onde uma panela enorme de 12 toneladas, com dois metros de altura e por três metros de diâmetro, comporta a maior feijoada do país. A capital do feijão apresenta topografias bem distintas, de um lado a área é mais plana, onde prevalece o sistema de cultivo mecanizado. No outro, o plantio da leguminosa ocorre em “pirambeiras”, áreas totalmente quebradas, onde as famílias de pequenos agricultores ainda utilizam as velhas matracas na hora de plantar.

Foco no mercado muçulmano

Diante do aumento do consumo de frango pelos países do Oriente Médio, indústrias do Estado que realizam o abate *halal* alavancam os negócios

Por Carlos Guimarães Filho



A avicultura paranaense tem passando por transformações significativas nos últimos anos. Algumas de ordem sanitária, outras por necessidades econômicas e até mesmo envolvendo questões religiosas. De olho no efervescente mercado muçulmano, que representa 28% da população mundial, os frigoríficos do Estado estão cada vez mais adaptados para realizar o abate *halal*, palavra árabe que significa “legal, permitido”.

Os países muçulmanos, importantes compradores de frango do Paraná, proíbem o abate mecânico dos animais, que é o padrão nas indústrias. A exigência para que a proteína seja comprada e posteriormente consumida é o abate manual, com uso de utensílios adequados, como faca suficientemente afiada para evitar o sofrimento do animal e a morte rápida. Outras diretrizes do sistema *halal* são o processo ser acompanhado por um inspetor muçulmano treinado para a função, placas com a frase “Alá seja louvado” – em árabe – espalhadas pelo local de abate e uma sala de oração

voltada em direção a Meca, onde os trabalhadores podem realizar as orações durante o expediente.

Atualmente, 31 abatedouros de frango no Estado, espalhados em todas as regiões, realizam o procedimento *halal*, segundo dados do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar) (veja a lista na página 8). E, esse grupo deve aumentar, conforme a demanda dos mercados islâmicos.

“A procura pela certificação *halal*, que atesta a segurança e qualidade do processo de produção, tem aumentado consideravelmente. O crescente mercado muçulmano justifica o interesse das plantas paranaenses”, ressalta Ariana Weiss Sera, médica-veterinária da FAEP.

No ano passado, 35% das 1 milhão de toneladas de frangos exportados pelo Paraná tiveram como destino o Oriente Médio. Entre os cinco principais mercados consumidores da proteína branca produzida por aqui, Arábia Saudita (22%) e Emirados Árabes (9%),

que exigem abate halal, fazem parte da lista. Os demais são União Europeia (13%), China (11%) e Japão (9%).

Conforme dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o mercado mundial de alimentos halal é estimado em US\$ 150 bilhões, maior parte do valor voltada para o frango, pois o alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, proíbe o consumo de suínos e a carne de boi é muito cara.

Indústrias

O abate halal não é novidade para cooperativa C.Vale. A indústria de frango da empresa, no município de Palotina, na região Oeste do Estado, adotou as diretrizes do sistema em 2001, apenas quatro anos após o início de suas operações. Ou seja, há 15 anos, parte considerável dos 600 mil frangos abatidos por dia na planta é destinada ao mundo muçulmano.

“As vendas de produtos halal são praticamente diárias, buscando atender as necessidades dos consumidores muçulmanos, nos mais diversos países”, destaca Alfredo Lang, presidente da C.Vale. “A cooperativa está inserida nesse mercado e tem interesse em aumentar suas ofertas para esse segmento”, complementa.

Na Cocari, cooperativa instalada em Mandaguari, no Norte do Paraná, a adoção do abate halal é mais recente, começou no segundo semestre de 2013. A diferença é que a unidade industrial de aves, resultado de um investimento de R\$ 88 milhões, já foi projetada para atender às exigências dos países do Oriente Médio, entre outros possíveis parceiros, como a Comunidade Europeia. A fábrica, com capacidade para abater 200 mil aves/dia, foi construída voltada para Meca.

Também do olho no mercado halal, a gigante BRF adaptou parte das suas 60 plantas espalhadas pelo país. No Paraná, são quatro: Toledo, Carambeí, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos. Há três anos, apenas a indústria dos Campos Gerais adotava as diretrizes. A marca exporta mais de 30% da produção de aves para países do Oriente Médio. “Pelo que acompanhamos das agroindústrias, essa adaptação compensa. Há muitas empresas investindo em plantas que atendam às exigências muçulmanas”, diz Ariana.

Rápido e sem sofrimento

Conheça as diretrizes do abate halal:

- As indústrias precisam ter funcionários muçulmanos nativos ou convertidos para realizar a tarefa.
- O abate tem que ser de forma manual, com faca suficientemente afiada para evitar o sofrimento do animal e a morte rápida.
- Placas com o dizer "Alá seja louvado" têm que estar espalhadas pelo local de abate.
- As indústrias precisam ter uma sala de oração em direção a Meca onde os trabalhadores podem realizar as orações durante o expediente.
- A frase "Em nome de Deus, o mais Bondoso, o mais Misericordioso" tem de ser invocada antes do abate.



35% da produção paranaense de frango em 2015 foi exportada para o Oriente Médio



Números

883 mil toneladas

de frango do Brasil foram adquiridas pelos países muçulmanos nos cinco primeiros meses de 2016, 14,5% a mais em relação as 771 mil t. do mesmo período do ano passado.

20%

da população islâmica do mundo são atingidas pelas exportações de carnes de frango e bovina do Brasil, o que indica potencial para expansão nesse mercado.

Conheças as cidades do Paraná onde estão instalados os frigoríficos que realizam o abate halal.



- Noroeste**
 - Paraíso do Norte
 - Paranavaí
 - Umuarama
 - Cianorte
- Norte Central**
 - Rolândia
 - Arapongas
 - Jaguapitã
 - Maringá
 - Rolândia
 - Santa Fé
 - Mandaguari
 - Terra Boa
 - Campo Moruão
 - Ubiratã
- Norte**
 - Joaquim Távora
 - Jacarezinho
- Oeste**
 - Cafelândia
 - Toledo
 - Cascavel
 - Palotina
 - Medianeira
 - Mal. Cândido Rondon
- Sudoeste**
 - Itapejara do Oeste
 - Pato Branco
 - Dois Vizinhos
 - Francisco Beltrão
 - Capanema
- Campos Gerais**
 - Carambei
- Região Metropolitana de Curitiba**
 - Lapa

Medidas de combate

Reunião continental no Paraguai define resoluções para o avanço das políticas e programas de erradicação da febre aftosa



Representantes dos países do continente americano em reunião realizada no Paraguai, mês passado

Os países do continente americano seguem focados na meta de erradicar a febre aftosa. Durante a reunião do Comitê Hemisférico para a Erradicação da Febre Aftosa (Cohefa), realizada no dia 19 de julho, na cidade de Assunção, no Paraguai, representantes das nações, tanto do setor público como do privado, que fazem parte do grupo definiram resoluções para o avanço das políticas e programas de combate à doença, estrategicamente alinhado com o cumprimento do Programa Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (PHEFA).

“A doença não tem divisa. As decisões tomadas em conjunto, como estão ocorrendo, fazem com que a situação atinja o êxito com maior rapidez e sucesso”, ressalta Antonio Poloni, consultor da FAEP e observador da Cohefa, que participou da reunião no Paraguai, ao lado da médica-veterinária da Federação Ariana Weiss Sera.

Entre as realizações, destaque para a continuidade do projeto de criação de um banco de vacinas e antígenos contra a doença (Banvaco), que em situações de emergência, seria utilizado para dar respaldo imediato. A expectativa era de que os delegados dos países revisassem o documento e definissem uma proposta final. O modelo está em processo de revisão pelos técnicos do Centro Panamericano de Febre Aftosa (Panaftosa) e também foi encaminhado aos técnicos da Organização Panamericana da Saúde (OPS) para validação dos sistemas de gerenciamento e administração do Banvaco.

Também ficou definido o fortalecimento da vigilância e do processo de preparação para eventuais emergências das áreas livres de febre aftosa sem vacinação. O objetivo é que essas regiões tenham um plano de contingência atualizado e os profissionais da área sanitária possam responder de forma imediata em casos de registros da

doença. No Brasil, o único caso é o Estado de Santa Catarina.

Os países assumiram ainda o compromisso de cooperação mútua em torno do Programa Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa. Conscientes dos benefícios, as nações esperam inúmeros ganhos econômicos e sociais para os produtores, as indústrias e a sociedade.

“A participação da FAEP na reunião é fundamental para ajustar as ações estratégicas continentais com as do Paraná. Assim, será mais uma forma de alcançar o status de área livre de aftosa sem vacinação e, posteriormente, acessar novos mercados, que pagam mais e agregam valor a cadeia produtiva, favorecendo também as demais cadeias de carnes de suínos e aves”, destaca Ariana.

Paraná

O Paraná segue desenvolvendo o projeto de alcançar o status de área livre da doença sem vacinação. No momento, a dificuldade para implantar todas as medidas necessárias para obter o aval está segurando o processo, como a contratação de novos técnicos para a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) e a conclusão das obras de adequação dos 23 postos de fiscalização nas regiões de divisa.

“O Paraná vislumbra a retirada da vacinação. Porém, precisa concluir as estruturas físicas e os procedimentos técnicos, que sustentem a medida no futuro. Precisamos comprovar junto ao Ministério da Agricultura e posteriormente na Organização Internacional de Epizootias (OIE) que o Estado atua com eficiência”, diz Poloni.

Aproximando o campo da cidade

Professora de Marechal Cândido Rondon utiliza metodologia do programa Agrinho para mostrar aos alunos de onde vêm os alimentos que consumimos



Professora Graciele Cristina com os alunos que participam do projeto "Campo que te quero bem"

Se na lavoura a semente é o insumo mais importante para uma boa produção, na sociedade, não é diferente. Por isso, preparar nossas crianças para que cresçam e se tornem adultos críticos e conscientes do seu papel é tão importante quanto depositar na terra uma semente de boa qualidade.

Em Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná, a iniciativa de uma educadora está regando estas pequenas sementinhas com a água do conhecimento e promovendo uma interação até então inédita entre o campo e a cidade. Trata-se do projeto "Campo que te quero bem", desenvolvido pela professora Graciele Cristina Rambo da Escola Municipal Bento Munhoz da Rocha Neto, que tem como objetivo valorizar as atividades do homem do campo e diminuir a distância entre as vivências rural e urbana.

A iniciativa envolve crianças de seis e sete anos do 2º ano do ensino fundamental e utiliza como suporte pedagógico o material didático do Programa Agrinho, desenvolvido pelo SENAR-PR. Apesar

dos frutos desse trabalho ainda estarem germinando, já é possível notar os impactos que a iniciativa está gerando na comunidade.

Desenvolvido a pouco mais de quatro meses, o projeto já contou com diversas ações que têm como objetivo diminuir a distância entre as crianças que vivem na cidade daquelas que vivem no campo. "Como é uma escola da área urbana, as crianças tinham a percepção de que os ovos vinham do mercado e que o leite vinha da cooperativa", conta a educadora.

Essa percepção da realidade foi quebrada quando Graciele levou seus alunos para conhecer um sítio, onde puderam ver de perto galinhas, verduras recém-saídas da horta, criação de patos e outras atividades agrícolas. Dessa forma puderam entender melhor de onde vêm os alimentos que consumimos.

Após a visita, a professora montou um cartaz na sala, onde marcava com uma estrela os dias que cada aluno consumia alimentos saudáveis ao invés de lanches. Como a merenda escolar

usa a produção de pequenos agricultores locais, as crianças aderiram rapidamente à ideia. “Houve um aumento no consumo de merenda saudável”, diz a docente.

As atividades do projeto “Campo que te quero bem” permearam algumas disciplinas formais. Na aula de matemática, as crianças elegeram os bichos que mais gostaram na visita ao sítio e fizeram um gráfico. Em ensino religioso, o estudo da parábola do semeador foi “ilustrado” com uma experiência de plantio de um grão de feijão no algodão.

A partir da germinação dos feijões, a professora montou um canal no site de vídeos Youtube para divulgar as experiências e atividades do projeto, sempre utilizando a base teórica do Agrinho “A cada semana eu usava uma cena do Agrinho”, explica.

Graciele também realizou outras ações, como uma palestra com um engenheiro-agrônomo, uma visita à feira dos produtores rurais, para que os alunos entendessem para onde vão os alimentos que neles viram ser produzidos no sítio, e realização da I Feira do Conhecimento: Campo e Cidade, na qual os alunos montaram maquetes, apresentações de teatro, e outras atividades valorizando o meio rural e a importância de uma alimentação saudável. Durante este trabalho foi realizada a exposição de “livrinhos” que os alunos confeccionaram com o título “A impor-

tância do homem do campo para nossas vidas”. Para elaborar esses materiais, as crianças escolheram três cenas do Agrinho, escreveram uma história sobre elas e ilustraram as pequenas encadernações com desenhos.

Os exemplares foram repassados para a biblioteca municipal e um exemplar foi entregue ao prefeito do município, Moacir Luiz Froehlich, que também é engenheiro agrônomo. “O Agrinho representa a tomada de consciência das nossas crianças da importância agroalimentar para a vida”, avaliou o dirigente.

Para as férias, a docente planejou uma atividade para envolver também a família dos alunos. O desafio era visitar a feira agropecuária Expo Rondon, que ocorreu de 21 e 25 de julho, e tirar uma foto no local.

Amor à primeira vista

Há cinco anos atuando como docente, Graciele conta que já conhecia o Programa Agrinho, mas nunca havia trabalhado com seus materiais, tampouco participado do concurso. Neste ano, ela assistiu a um dos seminários promovidos pelo SENAR-PR para capacitar professores da rede pública estadual de educação para utilizar essa metodologia. “Eu me encantei por esse

material. A partir do momento em que tive esse suporte para o uso dos livros, abracei o Agrinho”, conta

Conheça o programa

Maior iniciativa na área de responsabilidade social do Sistema FAEP/SENAR-PR, o Programa Agrinho completou 21 anos de existência em 2016. A iniciativa já transformou a vida de milhões de jovens e crianças que aprendem uma nova forma de pensar, que valoriza os laços do homem com a terra e prepara o jovem para refletir sobre seu papel na sociedade.

O Agrinho tem entre seus objetivos estimular o desenvolvimento de trabalhos em diversas áreas nas escolas do Paraná fornecendo material pedagógico e capacitação aos professores para trabalharem temas transversais: Saúde, Educação Sexual, Ética, Pluralidade Cultural, Cidadania e Meio Ambiente.

Ao longo do ano, os professores desenvolvem junto a seus alunos projetos, pesquisas e atividades práticas que estimulam a participação da família e da comunidade. No final do ano é realizado um concurso do qual participam alunos, com redações e desenhos, e professores, que inscrevem projetos pedagógicos que utilizaram a metodologia do Agrinho.



Bomba relógio

Para que as finanças do Paraná não entrem em colapso como ocorre em outros Estados, reajuste do funcionalismo público previsto para janeiro de 2017 precisa ser revisto



Mais do que nunca, o esforço do Paraná para conter as contas públicas e evitar um colapso do sistema precisa estar no foco da classe política. Uma das medidas fundamentais para a saúde financeira estadual, defendida por diversas entidades empresariais do Estado, incluindo a FAEP, é a suspensão do reajuste salarial aos funcionários públicos.

A ação por parte das entidades junto aos deputados estaduais para que votem contra a correção salarial do funcionalismo tem lastro nos exemplos negativos de outros Estados, que se encontram em situação caótica por não terem tomado medidas de contenção quando ainda poderiam. Matéria recentemente publicada no jornal O Estado de S. Paulo mostra que várias unidades da Federação estouraram seus limites nos últimos anos.

Os reflexos dessa irresponsabilidade financeira são imediatos. Em 2015, o Rio de Janeiro usou R\$ 6,7 bilhões de depósitos judiciais para cobrir a Previdência. Nos últimos meses, o Rio Grande do Sul tem atrasado o pagamento dos servidores por estar com os cofres vazios. A dívida de Minas Gerais está perto de 200% da

receita, teto permitido em lei, fazendo com que os pagamentos a fornecedores estejam atrasados. Em Alagoas, nos próximos cinco anos, 40% dos 40 mil funcionários públicos terão direito a se aposentar, sem que o Estado tenha dinheiro para pagar as futuras aposentadorias.

“O que não queremos e não podemos deixar acontecer é o Paraná ficar em situação semelhante à desses estados. Nossa luta é para que se gaste dentro do que se arrecada, sem interferir em obras e projetos essenciais para o desenvolvimento do Estado”, defende Ágide Meneguette, presidente da FAEP.

Ainda de acordo com o material publicado pelo jornal paulista, de 2008 até os dias atuais, as despesas com pessoal no Brasil aumentaram pelo menos R\$ 100 bilhões, de R\$ 252,6 bilhões para 352,5 bilhões, segundo dados da consultoria Macroplan. A alta representa um crescimento real, acima da inflação, de 40%. Para comparação, entre 2000 e 2007, as despesas com o funcionalismo nos Estados aumentou R\$ 58 bilhões, de 178,6 bilhões para 236,9 bilhões.

Paraná

A folha salarial do Paraná é de R\$ 1,6 bilhão/mês, ou seja, uma despesa de R\$ 21,7 bilhões no ano (somando os encargos, a despesa sobe para R\$ 28,5 bilhões). Esse valor inclui os 280 mil servidores, incluindo ativos, pensionistas e aposentados.

Para calcular o peso da folha de pagamento do funcionalismo sobre o caixa do Estado, a lei manda dividir os gastos com esse segmento pela receita líquida corrente. A despesa com folha é fixa e a arrecadação é variável e, por conta da crise econômica, tem caído significativamente, o que faz aumentar o percentual da despesa.

Atualmente, o montante comprometido com funcionalismo público compromete 44,28% da Receita Corrente Líquida (RCL). Se alcançar 46,55% da receita RCL, o Executivo entra no limite prudencial que implica uma série de sanções administração. Caso chegue em 49%, comete uma improbidades administrativa que impede ao Estado receber transferências voluntárias do governo federal. Caso conceda o reajuste, o governo estadual deverá exceder os limites da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF).

Caso o governo estadual aprove o reajuste do funcionalismo público previsto para janeiro de 2017, o aumento causaria uma série de restrições ao Estado como concessão de vantagem e dificuldades para acessar empréstimos internacionais para a execução de

obras e serviços essenciais, entre outros desdobramentos.

“Simplesmente queremos que o Estado gaste dentro dos limites estipulados pela lei”, destaca Ágide Meneguette.

Mobilização

No começo de julho, representantes das principais entidades empresariais do Estado estiveram na Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) para, junto aos deputados estaduais, apresentar a preocupação com o possível reajuste do funcionalismo público. Na ocasião, as entidades protocolaram uma carta defendendo que os deputados não aprove a correção dos salários. Ainda, um ofício foi encaminhado aos 54 deputados estaduais.

No mês passado, a Assembleia Legislativa cancelou o recesso aguardando para votar a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) que estabelece as diretrizes orçamentárias para o exercício financeiro de 2017. De acordo com o regimento interno da Casa, a LDO tem que ser aprovada antes do fim do primeiro período das sessões legislativas.

As entidades que estiveram na Assembleia Legislativa foram a FAEP, Sinduscon, Associação Comercial do Paraná, Movimento Pró-Paraná, FIEP, Instituto Democracia e Liberdade (IDL), Sistema Ocepar, Fiacipar e Alcopar.

NOTA



Agropecuária evita maior queda de emprego em junho

A agropecuária continua salvando a economia brasileira e ajudou a evitar uma queda maior nos empregos formais em junho. É o que mostram os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados no dia 27 de julho, pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

O setor encerrou o mês passado com saldo positivo de 38.630 postos formais de trabalho, um aumento de 2,41% em relação ao registrado pelo governo federal em junho deste ano. A agropecuária contabilizou 111.611 admissões e 72.981 demissões. No acumulado dos primeiros seis meses de 2016, o campo gerou 89.954 empregos com carteira assinada. O saldo é resultado de 567.860 admissões e 477.896 demissões. Na contramão do resultado geral do país, a agropecuária é o único com saldo positivo em 2016. Ao todo, o Brasil perdeu 91.032 empregos formais no mês de junho, de acordo com o MTE. O total de 1.204.763 admissões foi superado por 1.295.795 desligamentos.

Pequenas só no tamanho!

As mini-hortaliças e baby leafs são as novas tendências e vêm ganhando espaço entre o mercado e consumidores

Por Hemely Cardoso



Assista o vídeo desta reportagem no nosso site
www.sistemafaep.org.br

Evandro Marcos Bertolin: "A tendência é de que o segmento de mini-hortaliças e baby leafs cresça ainda mais"

Pequenas, saborosas e com estética agradável, as baby leafs – folhas bebês, em português – começam a chamar a atenção de um público interessado em hortaliças com sabor e aspecto diferenciados. Assim como as mini-hortaliças, os minitomates e minialfaces, essas folhinhas tão pequenas estão sendo cada vez mais consumidas e se tornaram uma nova alternativa para aumentar a renda produtor rural. Além do menor porte, esses vegetais combinam uma aparência atraente com o alto valor nutricional.

Entre os que apostaram nesse segmento está a família Bertolin, de Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba. Em uma área de 1,5 hectare, com um sistema de cultivo protegido em estufas e hidropônico, as folhinhas de rúcula, agrião, almeirão, espinafre, beterraba e alface ficam entre 12 e 15 dias nas canaletas até estarem prontas para serem colhidas. O ciclo das babies é menor e mais precoce na comparação com o cultivo convencional dessas hortaliças, em que a colheita é realizada no período de aproximadamente 25 dias. “Como as baby leafs não passam pelo desenvolvimento completo, elas apresentam um sabor diferenciado, uma textura mais macia e com menos fibras”, explica o engenheiro-agrônomo Evandro Marcos Bertolin.

Bertolin e outros produtores entenderam um processo que vem ocorrendo nos últimos anos no Brasil. Uma parte dessas mudanças tem a ver com a estrutura de comercialização, cada vez mais concentrada nos supermercados. Essa alteração trouxe novas exigências para toda a cadeia, e os produtores que não atendem às necessidades das grandes redes supermercadistas passam a ter dificuldades para colocar sua mercadoria. Outra mudança está na cabeça dos consumidores, que querem produtos saudáveis e estão menos tolerantes ao desperdício.

“O mercado brasileiro de minis e babies está ganhando uma nova cara com a elaboração de pratos gourmets e a distribuição em grandes redes de supermercados”, diz o pesquisador Luís Felipe Villani Purquerio, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). Na opinião dele, a tendência do consumo desses vegetais é de crescimento porque agrega valor para o produtor rural e atrai o consumidor pelos aspectos de cores e sabores desses produtos – o melhor dos dois mundos, por assim dizer.

Foi o que descobriu o produtor Cassimiro Krupa, da Lapa, que cultiva minitomates. Num total de oito hectares da chácara, ele cultiva morangos e diversas variedades de tomate numa área de qua-

tro hectares com um sistema de estufa protegido. O minitomate da variedade Romanita é que anda animando o produtor. “O preço da semente é mais alto na comparação com o tomate tradicional, mas o valor agregado na venda compensa. Além disso, é uma variedade que apresenta maior resistência a doenças”, diz.

Hoje, o carro-chefe das vendas de Krupa é o tomate-cereja. Há quatro anos, eram 400 pés espalhados pelas estufas e, em 2016, esse número cresceu para 15 mil pés. “Temos vários projetos para sempre estar melhorando e ampliando a nossa produção”, diz. Atualmente, uma média de 2 mil caixas deixam a propriedade toda semana, e todos os produtos são classificados e embalados no local. “Desde o início do negócio já investimos em embalagens e na divulgação da nossa marca. O investimento é mais alto, mas o retorno que tivemos está recompensando”, conta.

A embalagem é importante!

O investimento de Cassimiro Krupa em embalagens faz sentido, porque elas certamente fazem diferença na hora de vender frutas e hortaliças. “A embalagem tem dupla função: proteger o seu produto e torná-lo mais atrativo para o consumidor. O horticultor se torna conhecido quando coloca uma marca no seu produto, assim como o consumidor passa a reconhecê-la”, avalia a engenheira-agrônoma Simone da Costa Mello, professora de olericultura da Esalq.

Segundo ela, isso provoca maior competitividade entre os produtores, o que resulta em investimentos de novas tecnologias e maior desenvolvimento da atividade. “Dessa forma, o horticultor

consegue colocar produtos diferenciados no mercado e ter maior lucratividade, agregando valor ao produto.”

Nesse mercado há ainda produtores investindo fortemente em tecnologia. É o caso da engenheira-agrônoma Simone Juliane Sozczek, de Araucária. Com uma infraestrutura de 3 mil metros quadrados de estufas, ela produz diversas variedades de pimentões e tomates. Hoje, entrega, em média, 100 caixas de tomates em diversos pontos de distribuição.

O trabalho continua no supermercado

Evandro Bertolin, de Colombo, conta que a família decidiu apostar no mercado de mix de folhas há três anos. Passou também a produzir minialfaces, que se juntaram aos tomates da variedade sweet grape, que chegaram antes. E a produção só tem aumentado. “É um mercado diferenciado. Com o trabalho de degustação nos supermercados, conseguimos abrir espaço na área de venda”, conta Evandro.

No caso das baby leafs, no início, eram vendidos 100 pacotinhos com as folhas de rúcula, almeirão, espinafre, beterraba e alface, nas grandes redes de supermercado de Curitiba, Região Metropolitana, Norte do Paraná e Santa Catarina. Hoje, de acordo com Evandro, as vendas atingem 13 mil pacotes por mês durante a primavera e o verão.

Na Chácara Bertolin, o cultivo do tomatinho uva (sweet grape) é o carro-chefe das vendas, com uma média mensal de 15 a 20 mil bandejas por mês. A fruta de cor vermelho intenso e adocicada é



O minitomate da variedade Romanita é que anda animando o produtor Cassimiro Krupa



Minitomate da variedade sweet grape

cultivada num sistema protegido em estufas, com um ciclo de produção de 280 dias. Evandro explica que, devido a essa tecnologia ocorre uma redução na aplicação de defensivos agrícolas, assim como diminui a incidência de doenças e pragas. Segundo ele, o sabor adocicado e menor acidez estão entre as principais características desse tomatinho. “Por ser docinho se tornou um sucesso entre o público infantil”, acrescenta.

A variedade sweet grape é originária do Japão e chegou ao Brasil através da empresa paulista Sakata Seed há 16 anos. A Bertolin iniciou o cultivo em 2007. Enquanto o tomate tradicional possui grau Brix (que indica a concentração de sólidos solúveis totais, principalmente os açúcares) entre 4 e 6, o Sweet Grape possui doçura suficiente para chegar entre 9 e 12 graus Brix.

Além do tomatinho, a família também produz minialfaces. Entre as características dessas plantas, Evandro diz que há diferenças em relação à alface convencional. “Elas são mais saborosas, por apresentarem menos fibras na comparação com a alface tradicional. As folhas são mais largas, macias e crocantes, além de proporcionarem uma melhor apresentação nos pratos.”

No que se refere aos custos de produção, o engenheiro-agrônomo Eduardo Strapasson, que presta assistência técnica na Chácara Bertolin, explica que são mais altos na comparação com as hortaliças tradicionais. Segundo ele, no caso do cultivo das baby leafs, por exemplo, o custo chega a ser 10% maior, uma vez que o sistema de plantio e as sementes (a maioria importada da Holanda) são mais caros.

Apesar dos altos custos, Evandro garante que o cultivo de minis e baby leafs valem a pena. “Hoje, o consumidor está aceitando

mais as novas variedades, por ser um produto mais saboroso, apresentar maior resistência, praticidade e criar novos pratos. A tendência é de que esse segmento de mercado cresça ainda mais”, avalia, acrescentando que a família tem planos de ampliar a produção nesse segmento.

Ao gosto dos chefs

Não há como torcer o nariz para saladas quando o prato é formado pelos minitomates, alfaces, entre outras intermináveis possibilidades. O chef Marco Antônio Oliveira Araújo, conhecido como Baiano, do Bistrô Armazém 71, em Curitiba, utiliza esses ingredientes há algum tempo

na sua cozinha. “Eles garantem uma apresentação diferenciada e sofisticada no prato”, destaca Marco.

A preferência do chef é pelas baby leafs, que, na sua opinião, são mais saborosas e possuem cores mais vivas. “A grande vantagem desse produto é que temos quase 100% de aproveitamento e na maioria das vezes ele já vem devidamente embalado, higienizado e pronto para o consumo”. Para Marco Antônio, o preço elevado das folhinhas ainda é uma desvantagem para o consumidor.



Chef Marco Antônio Oliveira, conhecido como Baiano



A chácara

No Bairro São João, a menos de três quilômetros do Centro de Colombo, a paisagem se caracteriza pelo cultivo de verduras e hortaliças. Nesse cenário está a Chácara Bertolin, onde o casal Vilmar Marcos Bertolin e Silvana Gasparin Bertolin iniciou a trajetória da empresa há 40 anos, com a produção e venda de verduras e hortaliças em Colombo e Morretes.

Em 2001, eles entraram no mercado com o processo de embalagens dos produtos e fundaram a marca Chácara Bertolin. De lá para cá, os negócios da família evoluíram. Hoje, mantém 105 funcionários com a comercialização de 56 vegetais, uma vez que 40% são produzidos em Colombo e Morretes. Berinjela, abobrinha, diversas variedades de tomates, além das mini-hortaliças e baby leafs, estão entre os itens vendidos pela marca.

A empresa é familiar e Evandro, 25 anos, é o encarregado pela administração de tudo que é produzido em Colombo. A irmã Letícia, 19 anos, cuida da parte financeira.

O que é mini e baby?

Segundo o pesquisador Warley Marcos Nascimento, da Embrapa Hortaliças, as frutas e hortaliças em miniatura integram o segmento das “especialidades” e estão divididas em dois grupos: as mini e as babies. Apesar de possuírem o mesmo tamanho, existe um grande diferencial entre elas.

De acordo com ele, nas minis a produção ocorre pelo plantio de sementes que passaram por melhoramento genético, como os minitomates, as miniabóboras ou ainda as minicenouras. Já as babies são obtidas por meio da colheita antecipada do produto original, como as alfaces e folhosas baby leaf, ou ainda abobrinhas, milhos, beterraba, berinjela, moranga, pepino, melancia, e uma série de outros legumes.



O SENAR-PR dá uma mão



O Valor Bruto de Produção (VBP) de frutas e hortaliças atingiu R\$ 4,3 bilhões no Paraná em 2014. O número representa 6,09% do VBP total do Estado e reflete a importância econômica desse setor que envolve milhares de produtores rurais.

Dados divulgados pelo Anuário Brasileiro de Hortaliças, de 2015, mostram que o mercado da olericultura movimentou mais de R\$ 20 bilhões em todo o país, com uma produção de 18 milhões de toneladas, envolvendo 32 culturas.

Diante da importância desse segmento, as ações do SE-

NAR-PR têm sido fundamentais para mudar e reforçar a cadeia produtiva em todo o Estado. A partir de um estudo “Diagnóstico da produção de hortaliças na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), aspectos técnicos, sociais e ambientais”, que revelou as principais dificuldades dos produtores em 100 propriedades, o SENAR-PR definiu as estratégias e os novos rumos para melhorar a produtividade nesse setor tão importante para a economia paranaense.

A partir de 2014, a entidade lançou 13 novos módulos nos cursos direcionados à olericultura, através de parcerias com instituições pública e privada. (Confira no box abaixo). “O diferencial desse programa em relação a outros é alto nível de informações técnicas repassadas ao produtor rural”, explica o engenheiro-agrônomo

Luis Guilherme Lemes, coordenador do programa Hortimais (www.programahortimais.com.br).

Dentre as diversas ações realizadas pelo SENAR-PR está a capacitação “Cultivo de minitomates em ambiente protegido”, que ocorreu nos dias 14, 15 e 16 de junho, em Curitiba. Ao longo desse período, um grupo de 10 instrutores e dois técnicos da Isla Sementes alternou as aulas teóricas no Hotel San Juan com a prática, conferindo de perto o manejo da cultura em duas propriedades rurais, em Araucária e Lapa, a 71 quilômetros de Curitiba. “

Confira o programa com 13 módulos e 516 horas de treinamento

- 1 – Implantação de Boas Práticas Agrícolas;
- 2 – Planejamento de produção;
- 3 – Caracterização e conservação de solos;
- 4 – Nutrição de plantas;
- 5 – Qualidade de água, métodos e manejo de irrigação;
- 6 – Pragas e inimigos naturais;
- 7 – Identificação e controle de doenças;
- 8 – Controle biológico e MIP;
- 9 – Cultivo em ambiente protegido/ filmes plásticos;
- 10 – Hidroponia;

- 11 – Cultivo de minitomates em ambiente protegido;
- 12 – Colheita e pós-colheita;
- 13 – Gestão de custos.

Empresas parceiras

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), Universidade Estadual de Londrina (UEL), BUG Agentes Biológicos, Biocontrole, Novozymes, GlobalG.A.P, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Promip, Agroplás, Isla PRO, Hidrogood, YARA, Bayer e BASF.

Noite de homenagens

Ao lado do juiz federal Sérgio Moro e do presidente e fundador do Grupo Condor, Pedro Joanir Zonta, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR recebeu a comenda Ordem do Mérito do Comércio do Paraná



No último dia 22 de julho, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, foi homenageado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná (Fecomércio - PR), no centro de eventos Expo Unimed, em Curitiba. Ao lado do juiz federal Sérgio Fernando Moro, responsável pelos processos da Operação Lava Jato, e do presidente e fundador do Grupo Condor, Pedro Joanir Zonta, Ágide recebeu a comenda "Ordem do Mérito do Comércio do Paraná".

As homenagens aconteceram durante a entrega da 11ª edição do troféu Guerreiro do Comércio, em que empresários e empresas são reconhecidos pela sua trajetória de sucesso no Paraná. Em 69 anos de existência da honraria, esta homenagem foi entregue a apenas 16 personalidades. Na ocasião, Ágide foi a 17ª personalidade condecorada, um reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na agricultura do Paraná. A 18ª comenda foi entregue ao presidente e fundador do Grupo Condor,

Pedro Joanir Zonta, empregador de 10 mil pessoas. E o juiz federal Sergio Fernando Moro, símbolo da luta contra a corrupção no país, recebeu a 19ª comenda.

"Sinto-me honrado ao receber este prêmio. Diante da atual conjuntura econômica e, apesar de todas as dificuldades, nós continuamos acreditando e investindo no nosso país", declarou Ágide.

Durante o evento, o juiz federal Sergio Fernando Moro, que ficou conhecido por comandar o julgamento em primeira instância dos crimes identificados na Operação Lava Jato, maior caso de corrupção e lavagem de dinheiro já apurado no Brasil, se disse honrado em ser homenageado junto aos guerreiros do comércio. "Considerando o contexto econômico de recessão prolongada, o prêmio desta noite deveria ter um caráter especial aos empresários que sobreviveram a esse quadro recessivo. É uma vitória persistir acreditando no Brasil. Fico honrado de ser homenageado juntamente com o Ágide

Meneguette e o Pedro Joanir Zonta, empresários que constroem a riqueza de uma nação para o bem-estar geral de todos", afirmou.

Moro disse ser um pessimista negociante, que sempre sai em desvantagem nas transações comerciais das quais participa. O juiz também confessou receber a comenda com certo constrangimento, já que o prêmio reconhece um trabalho ainda inacabado, e que, por ter caráter institucional, possui méritos que deveriam ser distribuídos a

várias pessoas. Já Zonta disse que "receber uma homenagem tão conceituada como esta e ao lado de grandes personalidades como o Moro e o Meneguette é uma grande honra e dá ainda mais motivação para continuar crescendo e investindo no Paraná."

Troféu Guerreiro do Comércio

Desde que o prêmio "Guerreiro do Comércio" foi criado, em 2006, 541 empresários foram homenageados. Neste ano, 47 empresários dos sindicatos filiados à Fecomércio-PR foram homenageados durante o evento. Os premiados são indicados segundo critérios de projeção, tempo de mercado, reconhecimento da comunidade e notoriedade empresarial. Com o prêmio, a Fecomércio pretende destacar os empreendedores que geraram oportunidades de trabalho e ajudaram a impulsionar e desenvolver o Paraná e o país.

Eles não venceram, mas foram inesquecíveis

Na história dos Jogos Olímpicos, nem todos os vencedores são lembrados, e alguns perdedores se tornaram inesquecíveis. O esforço, a vontade de competir e a nobreza dos gestos fazem dos jogos algo maior do que perder ou ganhar. Como diz o antigo lema dos jogos, o importante não é vencer, mas competir com dignidade. Abaixo, o leitor encontra alguns exemplos históricos de gente que não levou o ouro, mas que entrou para a história dos jogos. Três deles tratam de maratonistas. A prova de 42,195 quilômetros é a mais dramática do atletismo.

Dorando Pietri



O italiano Pietri fazia uma corrida perfeita na maratona dos jogos de 1908, disputados em Londres. Na largada, não forçou o ritmo, guardando forças para a segunda parte do percurso. Assumiu a ponta no 39º quilômetro e logo se distanciou dos adversários. Em uma tarde de calor incomum para a Grã-Bretanha, Pietri sentiu os efeitos do cansaço e da desidratação. Quando entrou no está-

dio de White City, onde seria a chegada, continuava na liderança, mas estava completamente exausto e desorientado. Não sabia para onde ir, e foi guiado pelos juizes e fiscais de pista. Em determinado momento, caiu, sem forças. Foi levantado pelos juizes, que o auxiliaram em uma dramática última volta, em que caiu várias vezes. Os últimos 400 metros lhe custaram mais de dez minutos. Concluiu os 42 quilômetros em 2h54'46", em primeiro lugar. Pouco depois, cruzou a faixa o americano John Hayes – sem ajuda alguma. Imediatamente, sua equipe entrou com uma reclamação, que foi acatada. Pietri foi desclassificado. O escritor Arthur Conan Doyle, autor dos livros do personagem Sherlock Holmes, escreveu para o jornal do dia seguinte: “O grande feito do italiano não pode mais ser apagado dos arquivos do esporte, qualquer que seja a decisão dos juizes”. A Itália só viria a conquistar um ouro na maratona em 1988, com Gelindo Bordon, que dedicou sua vitória justamente a Dorando Pietri.

Gabriela Andersen-Schiess



Até o início dos anos 80, a maratona olímpica era coisa de homem. A corrida foi disputada por mulheres pela primeira vez em 1984, e nela Gabriela Andersen-Scheiss fez história. A corredora suíça tinha 39 anos à época, e havia vencido no ano anterior a primeira maratona feminina disputada na Califórnia. Nos Jogos, ela não estava na ponta, mas seu esforço para concluir a prova levantou o público presente ao estádio olímpico de Los Angeles. Com um quadro de câibras provocadas pela falta de sódio no organismo, ela cambaleou pela pista por dez minutos. Ela não aceitou o socorro médico e continuou caminhando, desfigurada pela dor, até a linha de chegada. Depois disso, a Federação Internacional de Esportes Atlético-mudou suas regras para permitir a intervenção médica sem a desclassificação do atleta.

Vanderlei Cordeiro de Lima



Nunca o Brasil chegou tão perto do ouro na maratona. O paranaense de Cruzeiro do Oeste liderava a corrida pelas ruas de Atenas, em 2004, na altura do quilômetro 35, e tinha cerca de 150 metros de vantagem sobre seus principais competidores. Foi então que o irlandês Cornelius Horan saltou sobre ele e o conteve até ser afastado pelo público. O brasileiro retomou a corrida ainda em primeiro, mas o susto e a perda de tempo prejudicaram seu ritmo. Cordeiro de Lima foi ultrapassado pelo italiano Stefano Baldini e pelo norte-americano Meb Keflezighi, ficando com o bronze. O Comitê Olímpico Internacional concedeu a ele a medalha Pierre de Coubertin, entregue a personalidades que demonstram as melhores virtudes do espírito olímpico.

Derek Redmond



O britânico Redmond era favorito nos 400 metros dos jogos de Barcelona, em 1992. Ele, entretanto, conhecia suas limitações. Até aquele momento, já havia passado por oito cirurgias devido a lesões. Na semifinal, ele partiu bem. Iniciava sua arrancada final, a 250 metros da chegada, quando a dor veio. Redmond parou, abaixou-se – a prova estava perdida. Uma distensão muscular na coxa direita o havia derrotado. Mesmo assim, o atleta decidiu prosseguir e concluir a corrida. A equipe de apoio o acompanhava a alguns passos de distância. De repente, um homem furou o bloqueio e correu até o atleta. Era seu pai, Jim, que o abraçou e ofereceu apoio para os últimos passos até a linha de chegada.

Eric Moussambani



Moussambani, natural da Guiné Equatorial, nunca havia nadado em uma piscina olímpica até os jogos de Sydney, em 2000. Ele foi para a Austrália em programa do Comitê Olímpico Internacional em apoio a países de baixa performance esportiva. Na disputa de sua bateria nos 100 metros livres havia mais dois nadadores, um do Tadjiquistão e outro da Nigéria. Ambos queimaram a largada e foram desclassificados – assim, Moussambani nadou sozinho. Nervoso, ele se cansou e nadou “cachorrinho” em parte do trajeto. Seu tempo foi de 1 minuto, 52 segundos e 72 centésimos, o pior da história dos Jogos. Foi ovacionado pelo público.

Uma vitrine para o produtor

Aspectos técnicos e tecnológicos marcam a segunda edição do Show Pecuário de Cascavel

Por André Amorim



Evento em Cascavel reuniu mais de 10 mil produtores interessados nas novas tecnologias relacionadas a pecuária

A pecuária paranaense tem um grande potencial para crescer e se desenvolver, principalmente nas áreas da bovinocultura de corte e leite e da ovinocultura. Indicar os caminhos e oportunizar condições para que os produtores do Estado acessem toda essa potencialidade foi o objetivo principal do Show Pecuário 2016, evento realizado pelo Sindicato Rural de Cascavel em parceria com a Sociedade Rural do Oeste do Paraná e com os núcleos regionais de criadores, que reuniu cerca de 10 mil pessoas no Parque de exposições Celso Garcia Cid, entre 26 e 29 de julho.

Esta é a segunda edição do evento, que tem caráter técnico e informativo. Ao longo de quatro dias, os participantes puderam assistir palestras sobre diversos temas ligados diretamente à pecuária e ao agronegócio, além de participar de workshops, conhecer novidades tecnológicas e assistir a exposições e leilões de animais.

“O evento vai incentivar a modernização da nossa pecuária, para que o Oeste do Estado produza carne de qualidade e não carne commodity. É uma grande oportunidade para todo mundo se in-

formar”, declarou o presidente da FAEP, Ágide Meneguette durante a cerimônia de abertura. “Sem tecnologia e sem produtividade, não tem sobrevivência”, pondera.

De acordo com o presidente do Sindicato Rural de Cascavel, Paulo Roberto Orso, o evento foi feito para oportunizar a busca de novas tecnologias e inovações na área. “Não adianta lamentar a crise, temos que buscar esta informação que especialistas e técnicos estão trazendo até vocês nesse evento”, afirmou. “A cadeia de carne deve ser rentável, queremos que todos vocês atinjam esse grande potencial de renda e de satisfação”, disse aos presentes.

Nesta edição participaram 70 estandes de produtos, insumos, tecnologia e genética, e cerca de 430 animais de 25 diferentes raças. Além de bovinos e ovinos, o Show Pecuário também teve eventos voltados à criação de cavalo crioulo, como exposições morfológicas e workshops.

O grande diferencial do evento, segundo os organizadores, é o foco essencialmente técnico, não tendo caráter de “festa”, como

ocorre em muitos eventos agropecuários que têm como chamariz shows e outras atrações. Ao longo dos quatro dias foram realizadas 17 palestras, quatro minicursos e três workshops. Tudo sem custo algum para os participantes.

Leite

No primeiro dia, além das palestras e workshops, o evento se tornou uma reunião da Comissão Técnica de Pecuária de Leite da FAEP. Na ocasião foi apresentada uma análise da conjuntura atual da cadeia láctea brasileira. Segundo o vice-presidente do Conleite, Ronei Volpi, o cenário hoje é de queda na produção e escassez no mercado interno, “consequência de uma série de fatores ocorridos em 2015, principalmente dos preços baixos, que acabaram desestimulando os produtores”, explica.

Além disso, o excesso de chuvas na região Sul do Estado dificultou a produção da silagem utilizada na alimentação animal. Nas regiões Sudoeste e Norte do Paraná, a estiagem prolongada também trouxe problemas nesse sentido. Em outros Estados também houve problemas na produção. Fruto dessa conjuntura, foi registrada pela primeira vez em 23 anos queda na produção de leite no Brasil.

Com isso, os preços dos produtos lácteos aumentaram tanto para consumidores como para produtores. Para estes últimos, porém, os custos de produção também subiram, devido à escassez de soja e milho, que compõem a ração das vacas.

Segundo Volpi, a partir deste mês a produção deve aumentar. “A tendência é de que, daqui para a frente, esse quadro se normalize”.

Outras iniciativas da FAEP também ocorreram durante o Show Pecuário, como a reunião da Comissão Técnica de Bovinocultura de Corte, a reunião da Comissão Técnica de Ovinocultura e o Seminário Tendências Mercado de Grãos, que trouxe o palestrante Flávio França Junior.

Evento diferenciado

Para a produtora de leite Marcia Martini Stum, de Santa Tereza do Oeste, o primeiro dia do Show Pecuário foi “intenso”. Ela, que participou pela segunda vez, conta que ficou impressionada com a qualidade técnica do evento do ano passado. Desta vez, não quis perder a oportunidade de se atualizar mais sobre a produção de leite. Nesta edição, ela trouxe um funcionário para assistir com ela a uma palestra sobre manejo de casco e outro para assistir a uma palestra sobre nutrição animal. “É um evento diferente dos outros porque você vem adquirir conhecimento, nos outros é mais passeio, tem shows, é mais ligh”, compara.

Com uma produção mensal atual de 50 mil litros de leite, seu plano é que no Show Pecuário do ano que vem ela já tenha dobrado esse volume. “Ainda quero ver as palestras voltadas a glândula mamária, mastite, ordenha e silagem de milho”, conta a produtora.

Para o produtor Levino Benjamin, de Cascavel, o foco da visita ao evento foi gado de corte. Nesta edição ele veio em busca de um touro reprodutor. O filho, que também é criador de gado, quer comprar um animal para a propriedade. “É um evento muito bom. Você não pode deixar de buscar conhecimento, essa é uma busca que nunca acaba”, pondera.



Seguro rural, agora vai?

Constituir uma comissão que estudará mudanças para otimizar essa modalidade de seguro indica preocupação com o desenvolvimento de um setor vital para a economia



O Ministério da Agricultura formou uma comissão para rever as regras do seguro rural. É uma notícia positiva, principalmente, se levarmos em conta que o Brasil perde competitividade num dos campos em que é mais eficiente porque o seguro rural atual não protege adequadamente o agricultor, diminuindo sua capacidade de concorrer com o agronegócio dos demais países.

Nos principais países produtores de alimentos, o seguro para o agronegócio é de alguma forma subsidiado. No Brasil, não é diferente. O governo federal assume 50% do preço do seguro rural contratado, ficando os outros 50% por conta do agricultor. Se a propriedade estiver em São Paulo, o subsídio aumenta porque o Estado assume 50% do que é devido pelo agricultor, ou seja, o produtor rural acaba pagando apenas 25% do preço total de seu seguro. Em teoria, o Brasil estaria oferecendo condições muito interessantes, mas, na prática, não é isso o que ocorre. Em primeiro lugar, a verba destinada pelo governo federal para pagar sua parte do preço do seguro é muito menor do que a real necessidade do setor agrícola. Em segundo lugar, no governo do PT tornou-se comum o governo atrasar o repasse de sua parte do preço para as seguradoras, fazendo-as operar no vermelho.

Finalmente, quem sabe o mais grave, as condições do seguro rural brasileiras são antigas e não cobrem eficientemente os riscos da atividade.

Enquanto nos Estados Unidos existe seguro para o agricultor não plantar, de acordo com a política agrícola do governo, no Brasil nós ainda oferecemos aos agricultores produtos que não levam em conta a garantia da sua renda, mas sim a produtividade por hectare, baseada em números nem sempre confiáveis. Além disso, as apólices nacionais cobrem apenas danos decorrentes de eventos de origem climática, e, mesmo esses, não são integralmente contemplados pelo seguro.

A criação da comissão para estudar um novo modelo para o seguro rural é de grande importância para os envolvidos com um dos setores mais dinâmicos de nossa economia. E ela mostra a mudança de posição do governo atual em relação ao que vinha sendo feito pelo governo Dilma Rousseff.

Com ações completamente fora da realidade do mundo moderno, o governo anterior simplesmente desconsiderou os interesses nacionais em favor dos interesses ideológicos e partidários dos detentores do poder. Foi assim que desmontou a área de infor-

mações e segurança institucional às vésperas de o país sediar os Jogos Olímpicos. Também nessa linha, as necessidades da agricultura moderna brasileira foram deixadas de lado, em favor de uma aventura sem base jurídica, destinada a dar, por vezes, terras tituladas há mais de cem anos para tribos indígenas que, hipoteticamente, em algum momento do passado, ocuparam a região. Para não falar em outros desmandos do mesmo gênero que levam insegurança ao campo.

A constituição de uma comissão para estudar as mudanças necessárias para otimizar o seguro rural é uma sinalização importante, porque mostra que o governo está preocupado em garantir o desenvolvimento de um setor econômico indispensável para o país.

Composta por representantes dos diversos segmentos interessados no assunto, a comissão tem tudo para avançar de forma rápida, permitindo que o agricultor brasileiro em breve tenha um

seguro mais adequado. Ela deve discutir e apresentar soluções para as garantias a serem oferecidas pelas seguradoras e a possibilidade de o governo disponibilizar mais recursos para custear sua parte do prêmio do seguro e, assim, assegurar a proteção de um número maior de produtores rurais.

O resultado do trabalho da comissão tem tudo para desaguar num seguro moderno, permitindo que o agronegócio brasileiro, que já é um dos mais eficientes do mundo, ganhe mais competitividade. Com isso, as seguradoras terão significativo aumento de faturamento. E o Brasil produzirá alimentos mais baratos, para uso interno e para exportação.

Antonio Penteado Mendonça é sócio da Penteado Mendonça e Char Advocacia e secretário geral da Academia Paulista de Letras

Publicado originalmente em O Estado de S. Paulo, 25 de julho de 2016

NOTAS

Produtor rural no Guinness Book



No Dia do Agricultor, 28 de julho, o Brasil bateu o recorde de maior mostruário de frutas do mundo, superando a Índia, que detinha o feito com aproximadamente nove toneladas. Como parte das homenagens aos produtores rurais, a Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA) montou, em plena Esplanada dos Ministérios, em Brasília, uma mesa de 240 metros de comprimento e 18,8 toneladas de frutas, como abacaxis, laranjas e bananas. Os alimentos vieram de produtores rurais de diversos Estados. O feito foi certificado por uma equipe do Guinness Book. Após atestado o recorde, as frutas foram distribuídas para as cerca de seis mil pessoas que aguardavam no gramado da Esplanada. No mesmo dia, representantes da CNA se reuniram com o presidente interino Michel Temer para entregar um documento com um conjunto de 10 medidas para garantir a continuidade do crescimento do agronegócio nacional. Entre os itens reivindicados estão a redução e simplificação de impostos e a implementação do Código Florestal.

Página eletrônica sobre o Código Florestal

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) lançou, na semana passada, uma página eletrônica sobre o Código Florestal. A lei, aprovada em maio de 2012, estabelece as normas para a preservação e recuperação da vegetação nativa brasileira. A página traz informações detalhadas sobre como colocar o Código Florestal em prática. O internauta encontra, por exemplo, o que são as áreas de preservação permanente, de reserva legal e de uso

restrito e como recuperá-las. Dentro do portal da Embrapa (www.embrapa.br/codigo-florestal), o serviço é resultado do trabalho de mais de 200 pesquisadores e analistas. O hot site também mostra as 103 espécies vegetais nativas recomendadas para o Cerrado. O produtor também pode saber onde encontrar sementes e mudas em Minas Gerais. A intenção da Embrapa é, em breve, incluir as indicações para outros biomas, como a Mata Atlântica. A meta é disponibilizar na página viveiros de mudas e sementes de outros Estados.

50 anos de transformações

Centro de Treinamento Pecuário de Castro (CTP) mudou o cenário para a atividade leiteira na região dos Campos Gerais



Juliano Jarek e sua esposa Daniele Killar

Há seis anos o produtor rural, Juliano Jarek, 27 anos, de Pirai do Sul, região dos Campos Gerais, decidiu que iria trabalhar na atividade leiteira. Como era inexperiente na área, o jeito foi correr atrás de informação e capacitação. No Centro de Treinamento Pecuário (CTP), em Castro, fez um intensivo sobre o manejo de gado leiteiro durante o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite, do SENAR-PR.

Depois da capacitação, Juliano, junto com a esposa Daniele Killar, colocou a mão na massa e investiu num plantel de 10 vacas em lactação. De lá para cá, o plantel cresceu para 70 animais em lactação, com uma produção diária de 1.400 litros. “Isso é fruto do que aprendi durante as aulas do curso do SENAR-PR no CTP”, avalia Jarek.

Assim como Juliano, milhares de produtores rurais de todo o Estado participaram de cursos no CTP de Castro e melhoraram os resultados nas propriedades rurais. Neste ano, no dia 30 de novembro, o Centro comemora 50 anos história no Paraná. Ao longo desses anos, a instituição se tornou uma referência e teve um papel fundamental no desenvolvimento do setor leiteiro no Estado, principalmente na região dos Campos Gerais. E foi decisiva para o município de Castro, que ostenta o título de maior produtor nacional de leite, com 239 milhões de litros obtidos em 2014, segundo os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de

Estatística e Geografia (IBGE).

Desde a sua fundação, 14.448 pessoas participaram de 862 cursos realizados no CTP, parceiro do SENAR-PR há 20 anos. Instalado nas estruturas da Fazenda Capão do Cipó, o CTP dispõe de alojamentos, refeitório e conta com duas unidades de produção. Na pequena unidade, o plantel soma 110 animais, com 50 vacas em lactação da raça Jersey. Já a grande concentra um plantel de 600 animais da raça Holandesa, com 280 fêmeas em lactação. A produção diária é 8.900 litros de leite nas duas unidades.

O modelo de aprendizagem utilizado no CTP de Castro é semelhante ao de uma instituição de formação de produtores existente na Holanda, segundo o diretor-executivo do CTP, Ênio Renato Karkow. “O grau de tecnologia que disponibilizamos aqui, tanto na pequena como na grande leiteria, tem o objetivo de beneficiar o produtor. Na pequena leiteria ele pode visualizar as adequações que poderá fazer na sua propriedade para melhorar sua produtividade. Na grande, ele entende o trabalho em escala.”

No cargo há quatro anos, mas com 33 anos de Casa, Ênio avalia: “Ao longo desses anos certamente o setor leiteiro mudou muito no Estado, e tivemos a função de levar a melhor tecnologia para o produtor rural.”



Prédio administrativo no CTP de Castro

Seminário esclarece dúvidas

Em oito dias, consultor percorreu o Paraná para levar informações importantes sobre câmbio e tendências de mercado



Campo Mourão



Cascavel



Pato Branco

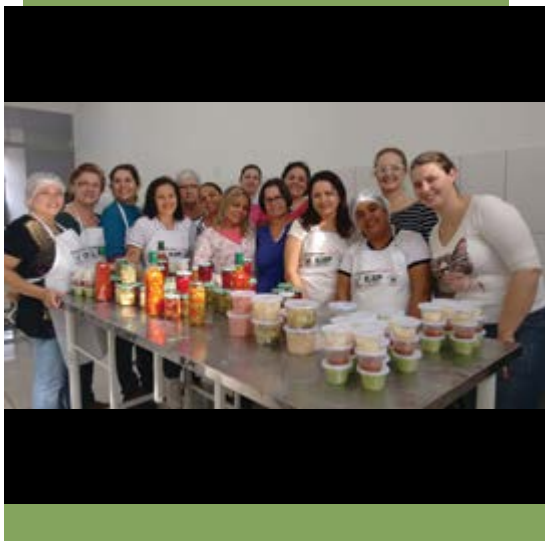


Ponta Grossa

Durante 20 a 28 de julho, o economista e consultor Flávio França Junior percorreu as principais regiões do Paraná com os seminários Tendências de Mercados de Grãos. Começou em Cornélio Procópio, seguiu para Londrina e sucessivamente Maringá, Campo Mourão, Cascavel, Pato Branco, Ponta Grossa e finalmente Guaraçuva. Ao longo de nove dias, França Junior esclareceu as dúvidas dos produtores rurais sobre os preços das commodities agrícolas

no mercado internacional, a taxa de câmbio, a safra de soja e milho nos Estados Unidos, entre outros assuntos.

“O seminário trouxe muitas informações fundamentais e indispensáveis no nosso dia a dia como produtor rural”, avaliou o presidente do Sindicato Rural de Pato Branco. Confira acima as fotos dos seminários em Campo Mourão (dia 21), Cascavel (26), Pato Branco (27) e Ponta Grossa (28 de julho).

Paranavaí**Conservas**

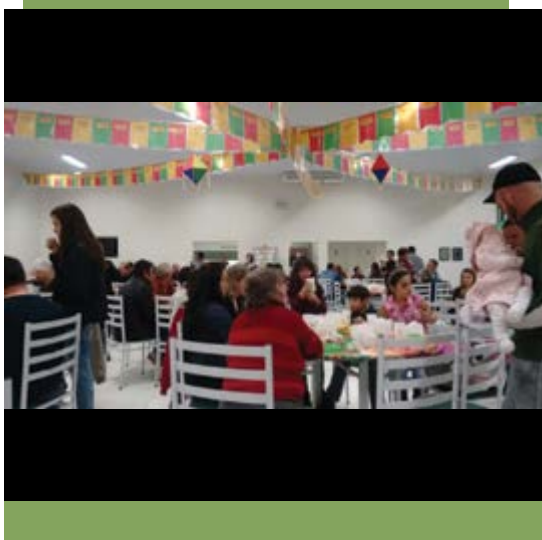
O Sindicato Rural de Paranavaí realizou nos dias 16 e 17 de junho, nas instalações do Centro Tecnológico da Mandioca, o curso de Conservas, Molhos e Temperos. Participaram 15 produtoras com a instrutora Júnia Zacarias.

Rio Azul**Empreendedor Rural**

O Sindicato Rural de Rio Azul promoveu no último dia 13 de junho um curso do Programa Empreendedor Rural. A iniciativa contou com a participação de 20 produtores e produtoras da região. A instrutora foi Caren Kelli Jenczmionki.

Irati**JAA**

O Sindicato Rural de Irati promoveu entre os dias 9 de março e 1º de julho aulas do programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). Participaram 20 alunos com a instrutora do SENAR-PR Daniele Horszyn.

Cianorte**Festa Junina**

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu no último dia 25 de junho, a 5ª edição do seu Arraiá. A festa junina reuniu mais de 180 pessoas e teve comidas típicas e muita diversão. O evento contou com a parceria da indústria de alimentos Amafil, da Cocomar Cooperativa Agroindustrial e do Sicredi.

Mamborê



Gestores Rurais

O Sindicato Rural de Mamborê, em parceria com a cooperativa Coamo, promoveu entre os dias 22 e 24 de junho um curso de Capacitação de Gestores Rurais. Participaram 13 pessoas com a instrutora Vanessa Lermen.

Sertanópolis



NR-33

O Sindicato Rural de Sertanópolis, em parceria com a Seara Agroindústria, realizou no dia 1º de junho o curso NR33 – Atualização. Participaram 10 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Clovis Michelim Biasuz.

São Mateus do Sul



Derivados de Leite

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul, em parceria com a Emater e a Casa Familiar, promoveu nos dias 22 e 23 de junho o curso Produção Artesanal de Alimentos - Derivados de Leite. Participaram 14 pessoas com a instrutora Joelma Kapp.

Andirá



Aplicação de Agrotóxicos

O Sindicato Rural de Andirá promoveu, entre os dias 05 e 07 de julho o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 14 produtores rurais com o instrutor Miguel Jorge Watfe Neto.

Impérios perdidos

O império mongol de Gengis Kahn e seus sucessores, juntamente com o império colonial britânico, são tidos pelos historiadores como os maiores domínios globais da história. Ambos chegaram a ter sob sua administração mais de 33 milhões de quilômetros quadrados.



Maravilha redescoberta

Uma das sete maravilhas do mundo antigo, o Farol de Alexandria pode virar um museu. Estima-se que a construção, levantada no século 3, teria quase 120 metros de altura. Podia ser vista de muito longe e orientava a aproximação do porto de Alexandria, no Norte do Egito. O farol foi danificado por terremotos em 956, 1303 e 1323. As ruínas do farol foram transformadas em uma fortaleza, em 1480. Restos submersos da estrutura foram descobertos em 1994. A região está sendo vistoriada e as ruínas, catalogadas. O governo egípcio pretende instalar lá seu primeiro museu submerso.



Mais terrível

Em 19 de junho de 1941, o arqueólogo soviético Mikhail Gerasimov retirou de sua tumba, coberta de jade, o corpo do Tamerlão, líder dos timúridas, que dominou o atual Irã, Afeganistão, Turcomenistão e Uzbequistão, além de partes do Iraque, Turquia, Síria, Paquistão, Rússia e Índia. Apontado como um dos soberanos mais terríveis de sua época, o século XIV, Tamerlão guardava no túmulo uma maldição — uma inscrição em árabe com os dizeres “Quem abrir o meu túmulo libertará um invasor mais terrível do que eu.”

Coincidência ou não, três dias depois Hitler dava início à Operação Barbarossa, a invasão à União Soviética, terra de Gerasimov.



Só tomate



O jovem britânico Liam Pierce teve uma dieta bem estranha nos últimos 12 anos. Ele só comia tomates e seus derivados. Portador de uma doença rara, a Síndrome da Alimentação Seletiva, ele conta que se sentia mal se tentasse provar qualquer outra coisa. A mudança ainda está em andamento: depois de um longo tratamento que incluiu hipnose e outras formas de terapia, ele passou a introduzir outros alimentos no mês passado. O caso está sendo estudado por um grupo internacional de médicos.

Sem príncipe



O Principado de Andorra, um pequeno país situado entre a França e a Espanha, é um caso raro: tem seu comando dividido entre dois “príncipes”, que não têm nada de realeza. Na verdade, são estrangeiros: um deles é o presidente da França e o outro é o bispo da cidade espanhola de Urgell.



Retratando a natureza

O leitor Maycon, de Bandeirantes, mandou uma imagem representativa: sua câmera ao lado de uma bela bromélia.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail:

imprensa@faep.com.br

Respeitável público!

- Mamãe, mamãe! Me leva no circo?
- Não, filho. Se alguém quiser te ver, que venha aqui em casa!

Gigante alado

O maior avião fabricado no mundo é o cargueiro de fabricação russa Antonov 225 Mryia. Mede 84 metros de comprimento, tem 88 metros de uma ponta de asa à outra e pesa 280 toneladas sem carga e combustível. Só existe um em atividade. Foi construído para transportar ônibus espaciais. Nos últimos anos, tem sido usado para transportar cargas de tamanho muito grande. Em pelo menos duas ocasiões foi usado em missões humanitárias: transportou material de apoio ao pessoal de resgate depois do terremoto do Haiti, de 2010, e do tsunami do Japão, em 2011.



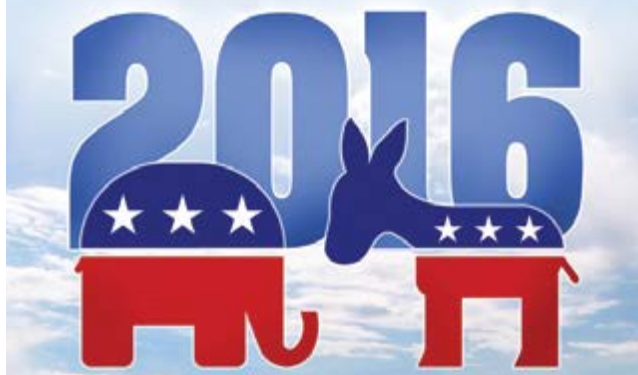
Azarado

Era um sujeito tão azarado que se quisesse achar uma agulha no palheiro, era só sentar-se nele.

Eleição gringa

Na semana passada, os dois principais partidos dos Estados Unidos definiram seus candidatos a presidente. Sem surpresas, os republicanos já haviam fechado com Donald Trump e os democratas sacramentaram Hillary Clinton. Esses são os principais candidatos, mas o sistema eleitoral americano permite que os candidatos se apresentem em cada seção eleitoral – mesmo que não tenham, obviamente, nenhuma condição de ganharem nada. No pleito de 2012, 26 candidatos tinham representação em pelo menos um Estado. O mais votado, como se sabe, foi Barack Obama, com 65,9 milhões de eleitores. O menos votado foi Jack Fellure, do Partido da Lei Seca (Prohibition Party), que recebeu 518 votos.

Fellure, aliás, é um candidato perpétuo. Apresentou-se como pré-candidato à presidência em todas as eleições desde 1988.



O pobre e o miserável

Um mendigo, já idoso, estava passando de casa em casa em uma pequena cidade do interior. A certa altura, ele bateu palmas na frente de uma casa grande e bonita, talvez a mais vistosa da região. Ela tinha um jardim bem cuidado e um grande cadeado no portão. Na casa, entretanto, morava um homem conhecido por toda parte como o maior mão-de-vaca que já havia aparecido por lá. Além de não gastar nada, também era muito egoísta. Não ajudava ninguém, embora tivesse recursos de sobra.

— Por favor, o senhor pode me dar um pouco de leite, ou então um

pedaço de carne? — falou o mendigo, educadamente, assim que o dono da casa pareceu para atendê-lo.

O pão duro replicou com rudeza:

— Não, não posso. Vá embora!

O velhinho, entretanto, não se entregava tão fácil. E tentou novamente:

— Então talvez o senhor possa saciar minha fome com arroz ou feijão — suplicou.

— Não tenho nada — respondeu o sovina.

— Por favor, um pedaço de pão,

só, e eu lhe serei muito grato!

— Vá embora, eu não tenho pão também!

— Pelo menos um copo de água. O senhor pode me dar um pouco d'água para refrescar minha caminhada? O sol está forte e eu estou com muita sede...

— Eu não tenho água! — gritou o miserável.

O mendigo olhou para ele com piedade.

— Ah, meu filho... Então por que está aí parado? Levante-se e venha comigo, vamos mendigar comida nas casas das pessoas bondosas dessa cidade! Você é mais pobre que eu!



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / / _____
Em / / _____ Responsável

SISTEMA FAEP



FAEP
FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA
DO ESTADO DO PARANÁ



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br